PELA VIDA DE TODAS ELAS

PESQUISA SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA COM FOCO EM MULHERES COM DEFICIÊNCIA

Realização

CRIAR BRASIL

Assessoria

COLETIVO FEMINISTA HELEN KELLER

Apoio

HEINRICH BÖLL STIFTUNG
21 ANOS no BRASIL

VISÃO GERAL

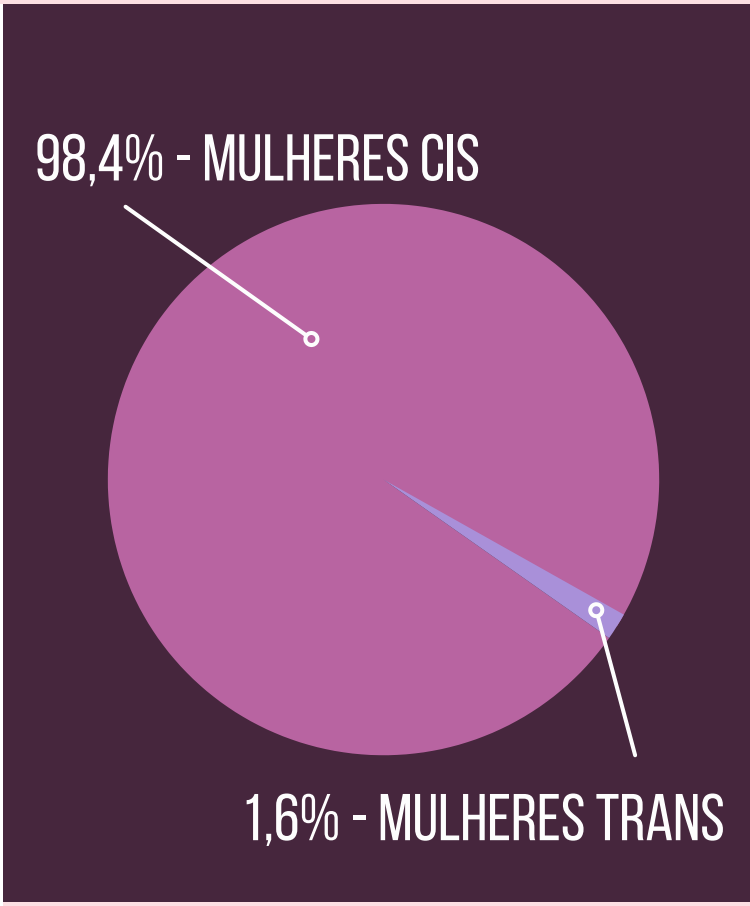
SOBRE A PESQUISA

A violência doméstica atinge todas as mulheres, independente de classe, idade, raça, entre outros marcadores. No entanto, as mulheres com deficiência acabam ficando mais expostas, correndo maiores riscos, seja pela dificuldade de obter informações, dificuldades em denunciar, além das questões impostas pelo próprio corpo que podem ser de ordem física, sensorial, comunicacional, intelectual. De acordo com o Fundo de População das Nações Unidas, estas têm três vezes mais chances de sofrer violência. Percebendo a urgência deste tema, o CRIAR Brasil, que há 27 anos vem trabalhando com temas relacionados à defesa dos Direitos Humanos por meio da criação de conteúdos e da promoção da comunicação cidadã, com apoio da Fundação Heinrich Böll Brasil, buscou, com a assessoria do Coletivo Feminista Helen Keller, construir uma pesquisa virtual com o intuito de conhecer estas mulheres e, através de suas respostas, propor uma comunicação que alcance todas, dentro de suas especificidades. Foram obtidas 182 respostas de mulheres de todo o país.

UM DIAGNÓSTICO

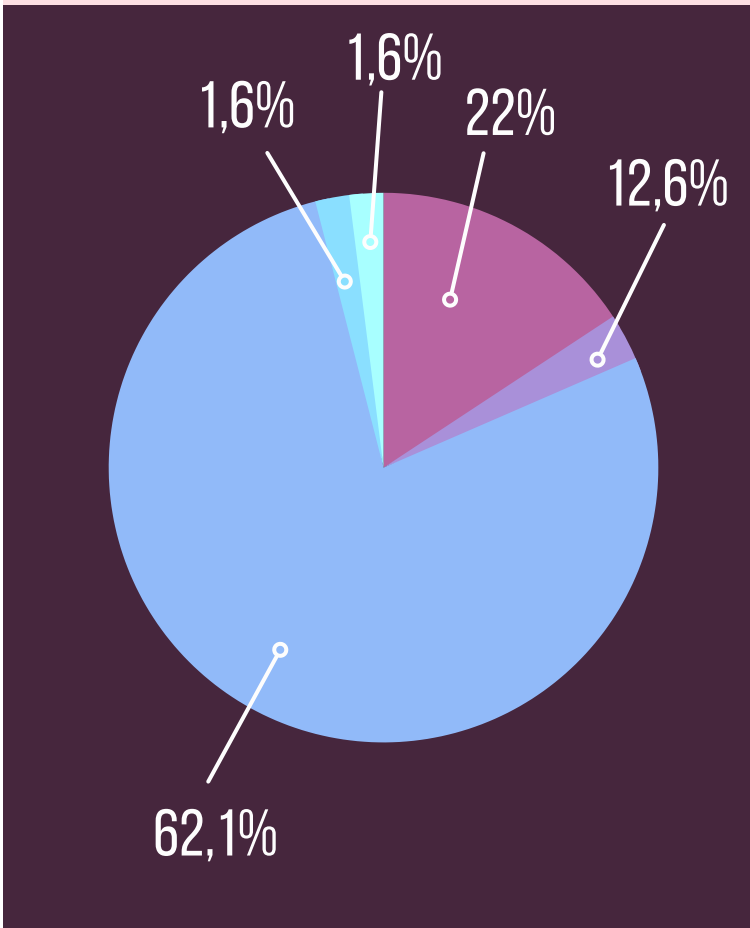
COMO VOCÊ SE IDENTIFICA?

Nesta pesquisa, 98,4% das respondentes se identificaram como mulheres cis, apenas 1,6% se identificaram como mulheres trans.



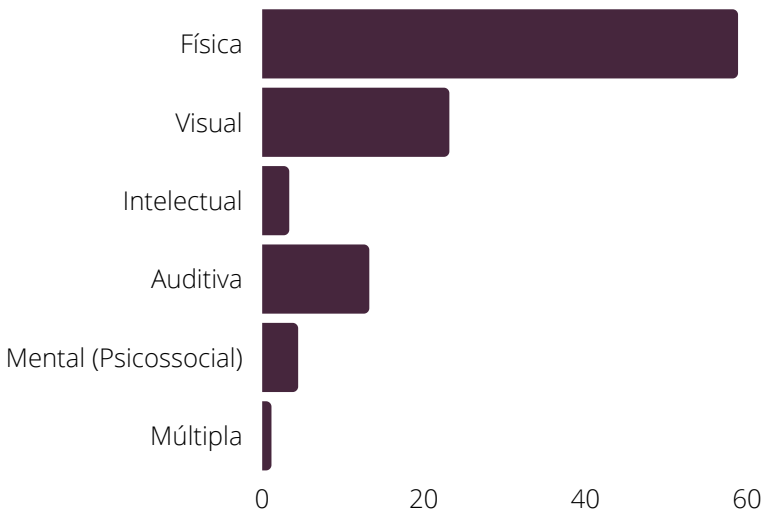
COMO VOCÊ SE IDENTIFICA A PARTIR DE SUA RAÇA, COR OU ETNIA?

A essa questão, 62,1% responderam que são brancas, 22%, pardas, 12,6% pretas, 1,6% amarelas, 1,6% indígenas. Foi possível garantir diversidade, apesar de a pesquisa ter sido realizada online.

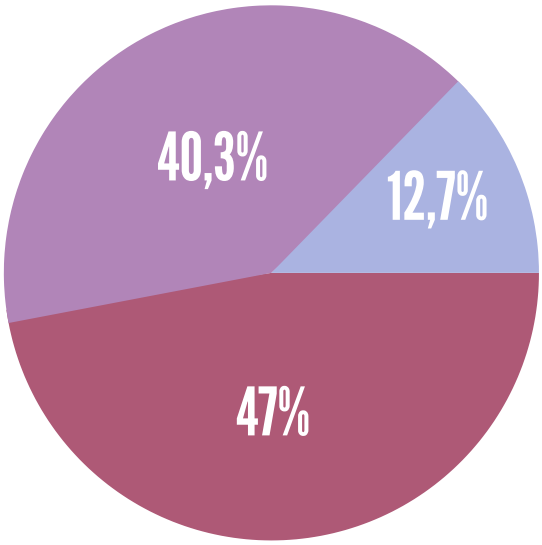


QUAL É A SUA DEFICIÊNCIA?

Foram obtidas respostas de mulheres com todos os tipos de deficiência. Houve uma maior concentração nas respondentes com deficiência física, com 58,8%, seguida da visual, com 23,1%, auditiva, com 13,2%, mental (psicossocial), com 4,4%, intelectual, com 3,3% e múltipla, com 1,1%.



VOCÊ TEM NECESSIDADE DE CUIDADO OU ASSISTÊNCIA PESSOAL NAS ATIVIDADES DA VIDA DIÁRIA?

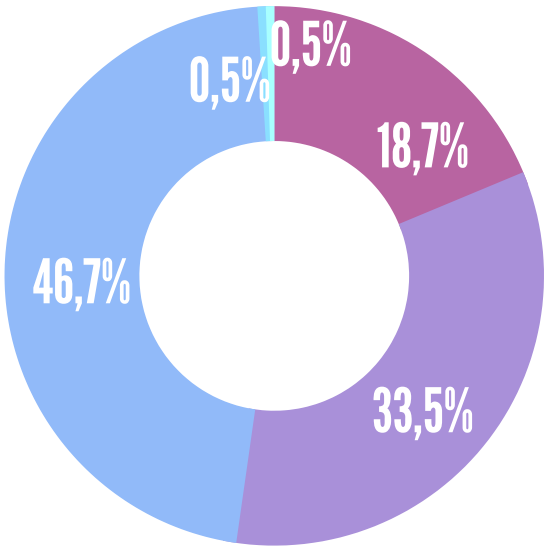


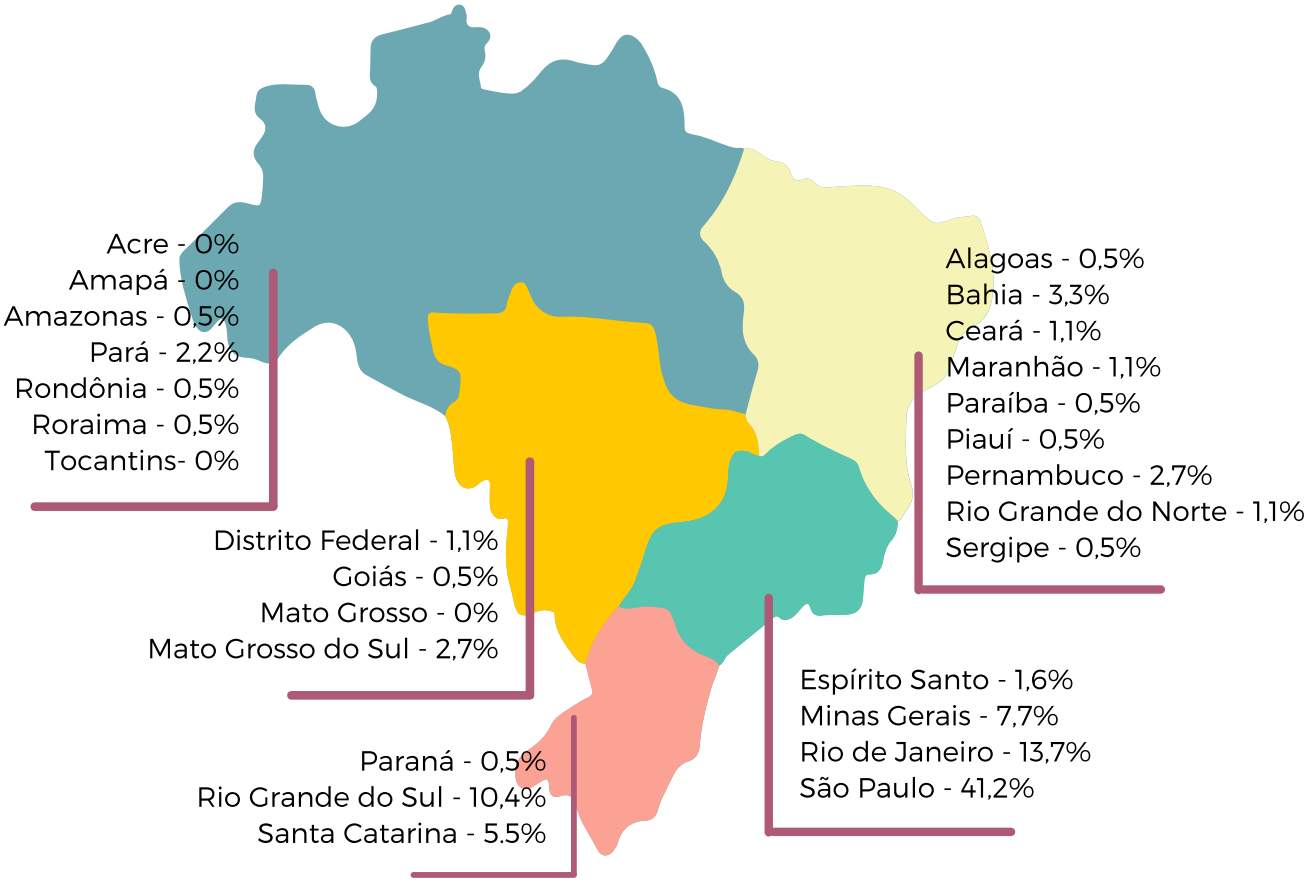
A maioria das respondentes, 47%, afirmou que não precisa de ajuda nas atividades da vida diária, 40,3% disseram que precisam de pouca ajuda, e 12,7% precisam de muita ajuda na vida diária.

É sabido que a realização de um questionário online já afasta, por si, algumas possibilidades de respondentes. Desse modo, esse número pode não corresponder à realidade de todas as mulheres com deficiência.

COM QUEM VOCÊ MORA ATUALMENTE?

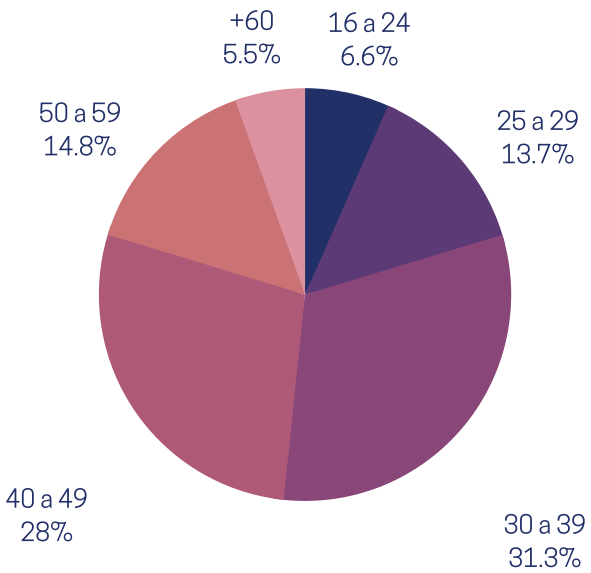
A maioria das respondentes, atualmente, mora com familiares, correspondendo a 46,7%. Em segundo, vem com companheiro(a), 33,5%, sozinha, 18,7%, amigos, 0,5%, e casa ou lar para pessoas com deficiência, 0,5%.





RESPOSTAS DE TODAS AS REGIÕES DO PAÍS

Mulheres com deficiência de praticamente todos os estados responderam à pesquisa. São Paulo foi a localidade com maior representatividade, com 41,2%. Não houve respostas de mulheres do Mato Grosso, Acre, Amapá e Tocantins. É preciso destacar que os últimos três estados estão situados na Região Norte. De acordo com o IBGE, 13,8% das pessoas que não acessam a internet também não conseguem acessá-la nos locais que frequentam. Não é possível traçar uma relação de causalidade entre a ausência de resposta e a internet, mas é notável o destaque da região sudeste nas respostas, região na qual apenas 1,9% das pessoas que não acessam a internet não conseguem acessá-la nos locais que frequentam.

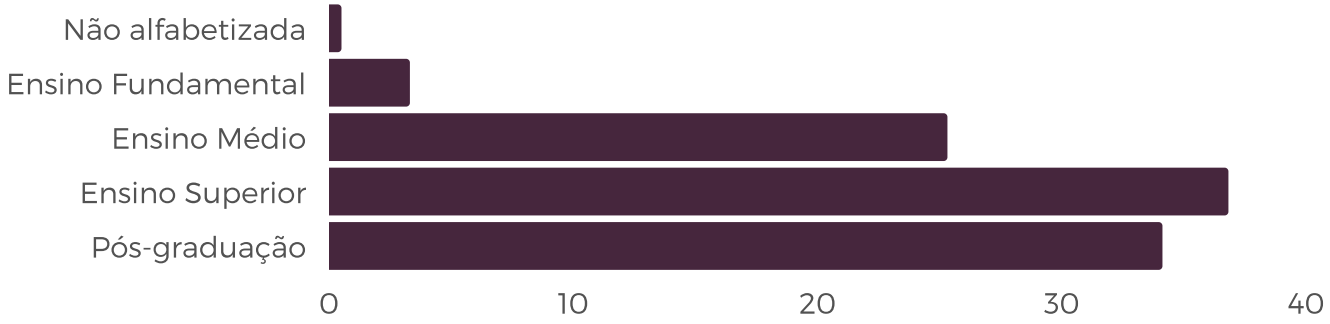


FAIXA ETÁRIA

O questionário obteve respostas de todas as faixas etárias, com maior concentração na faixa de 30 a 49 anos. De acordo com o balanço de 2019 da Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180, o perfil da vítima atendida é composto, em sua maioria, por mulheres declaradas pardas, solteiras, com idade entre 25 e 35 anos. Quando se trata de mulher com deficiência física, intelectual ou mental, a faixa etária dominante muda para 36 a 45 anos.

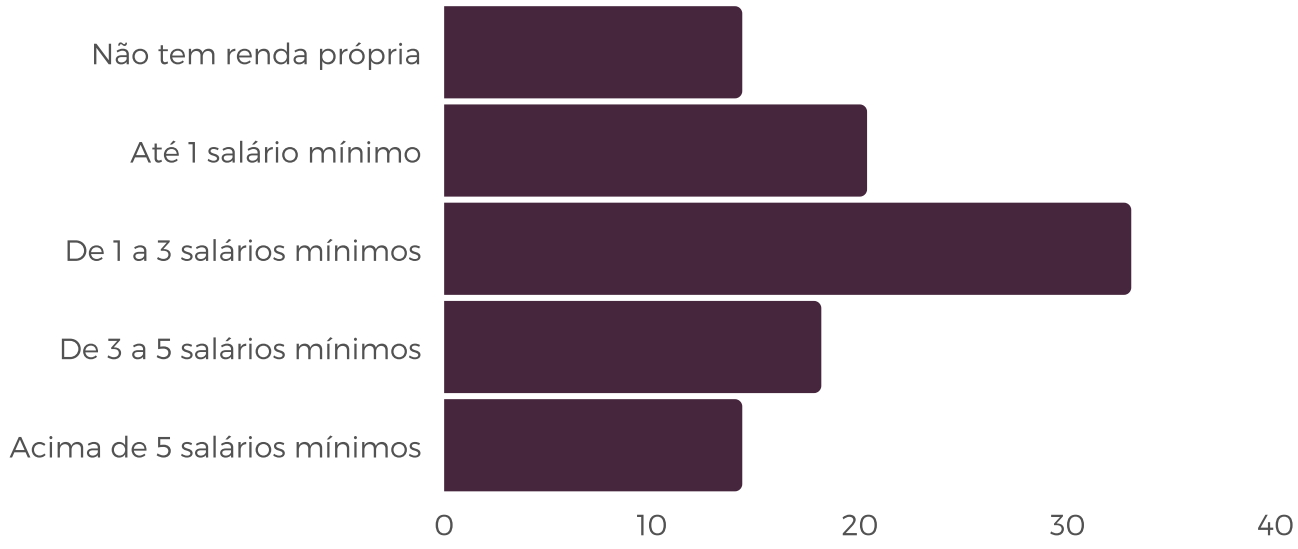
NÍVEL DE ESTUDO/ESCOLARIDADE

A maioria das respondentes assinalou que tinha ensino superior, com 36,8%, e a segunda alternativa mais assinalada foi pós-graduação, com 34,1% Em seguida, vem ensino médio, com 25,3%, ensino fundamental, com 3,3% e não alfabetizada, com 0,5%. A porcentagem de mulheres com ensino superior que respondeu à pesquisa não corresponde à taxa de mulheres no Brasil, de acordo com dados do IBGE, publicados em 2016 e atualizados em 2018. É preciso lembrar que menos de 1% das pessoas com deficiências tem acesso ao ensino superior. Desse modo, mais uma vez, a realização da pesquisa no meio virtual pode explicar a alta escolaridade demonstrada no questionário, visto que quase 40 milhões de brasileiros não têm acesso a internet.



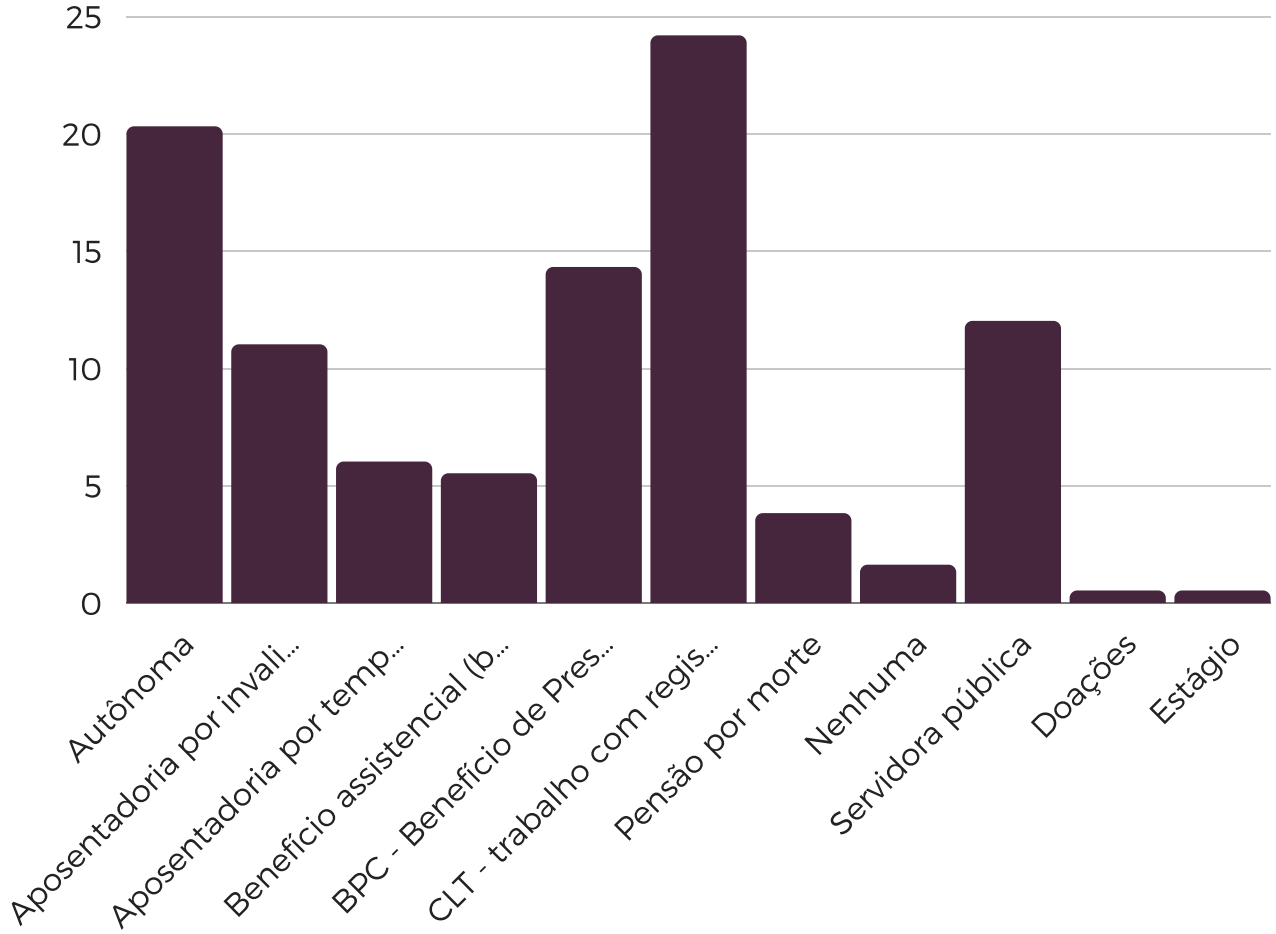
QUAL É A SUA RENDA ATUALMENTE?

A maioria das respondentes, 33%, declarou ganhar de 1 a 3 salários mínimos, seguido de até 1 salário mínimo, 20,3%, 3 a 5 salários, 18,1%, e um empate entre não tem renda própria ou acima de 5 salários mínimos, com 14,3%.



QUAL É SEU TIPO DE RENDA?

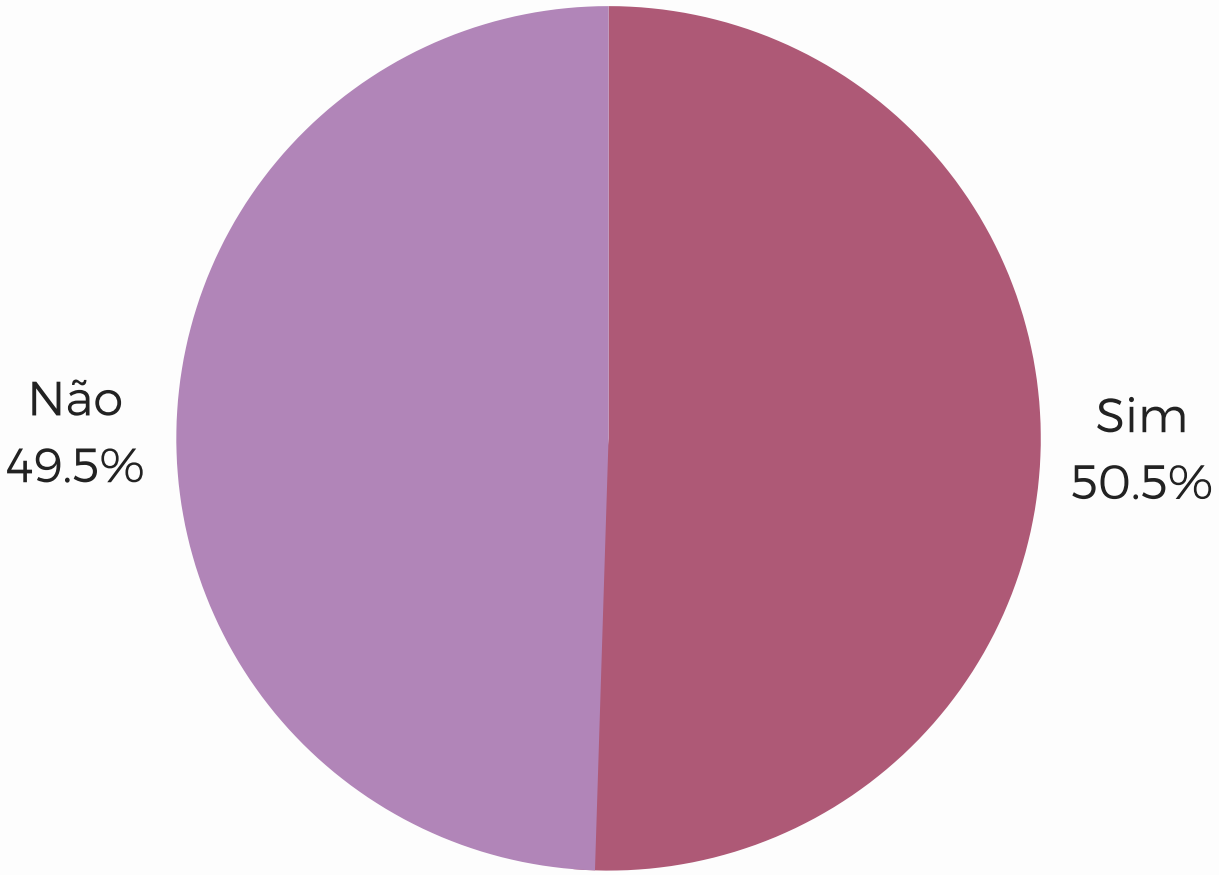
Nessa questão, vimos que a maioria tem registro como CLT, com 23,1%, seguidas das autônomas, com 20,3%, BPC - Benefício de Prestação Continuada, com 14,3%, servidora pública, com 12%, aposentadoria por invalidez, com 11%, aposentadoria por tempo de serviço, com 6%, benefício assistencial, com 5,5%, pensão por morte, com 3,8%, doações, com 0,5%, estágio, com 0,5%; Além disso, 1,6% marcaram não ter nenhum tipo de renda.



VOCÊ JÁ SOFREU VIOLÊNCIA DOMÉSTICA/INTRAFAMILIAR?

A segunda seção do questionário iniciou pelo objetivo principal da pesquisa: ***apurar dados sobre violência doméstica contra mulheres com deficiência***. A pergunta sobre se já haviam sofrido violência dentro de casa trouxe como resposta um empate técnico. Pouco mais da metade das mulheres assinalou que já havia sofrido violência. A diferença apontada pelas respostas foi de apenas 1%.

Porém, como será possível observar pelos dados que serão expostos a seguir, o percentual de diferença entre mulheres que sofreram e mulheres que não sofreram violência é bem maior, com um aumento significativo da porcentagem de mulheres com deficiência que já vivenciaram esse tipo de situação.



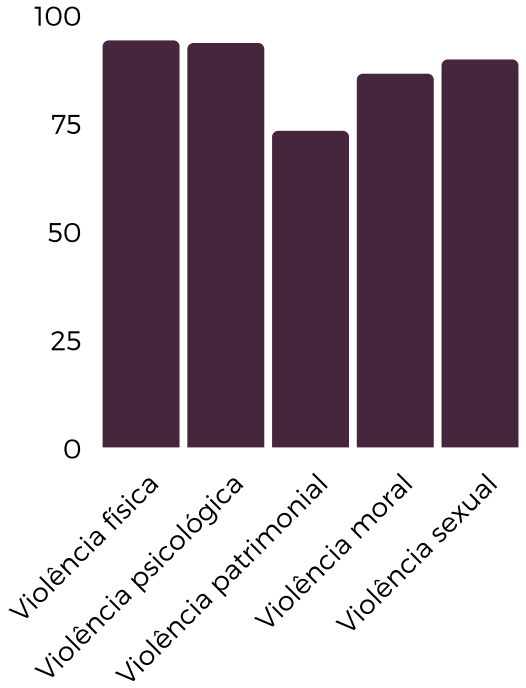
VOCÊ JÁ VIVENCIOU ALGUMA DESTAS SITUAÇÕES POR PARTE DE COMPANHEIRO, PAI, IRMÃO OU CUIDADOR?

Essa pergunta tinha como objetivo apurar quais eram as principais violências sofridas por mulheres com deficiência. Além disso, foi possível perceber também que uma boa porcentagem de mulheres que haviam respondido que nunca tinham sofrido qualquer situação de violência, de fato, já haviam sofrido. A principal hipótese é que muitas mulheres não reconhecem determinadas práticas como violência. Apenas 27,5% disseram nunca ter vivido experiências semelhantes.

FORMAS DE VIOLÊNCIA - NÍVEL DE CONHECIMENTO

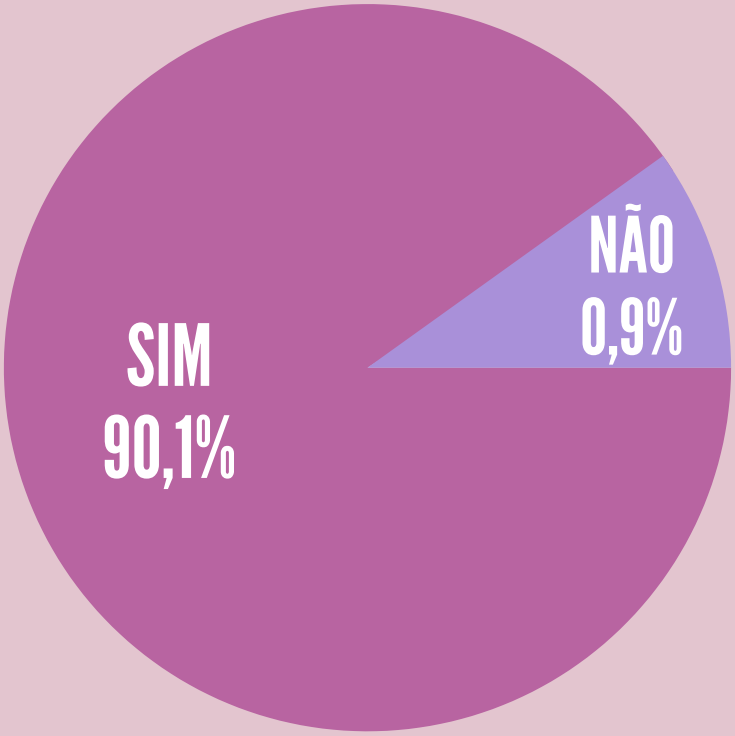
Percebe-se com essa pergunta que os tipos de violência mais conhecidos são a física (94%), psicológica (93,5%) e sexual (89,6%). Em seguida, vem a violência moral (86,3%) e a violência patrimonial (73,1%). A pergunta teve um objetivo pedagógico. Por isso, em cada uma das opções, foi incluída uma descrição.

- Violência física (que ofenda sua integridade física ou saúde corporal)
- Violência psicológica (que cause dano emocional, diminuição da autoestima e situação de controle)
- Violência patrimonial (atitude que caracterize retenção, subtração, parcial ou total de documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos)
- Violência moral (significa qualquer atuação que configure calúnia, difamação ou injúria)
- Violência sexual (está relacionada a uma atitude que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação)



VOCÊ SABIA QUE AS SITUAÇÃO CITADAS ANTERIORMENTE SÃO FORMAS DE VIOLÊNCIA?

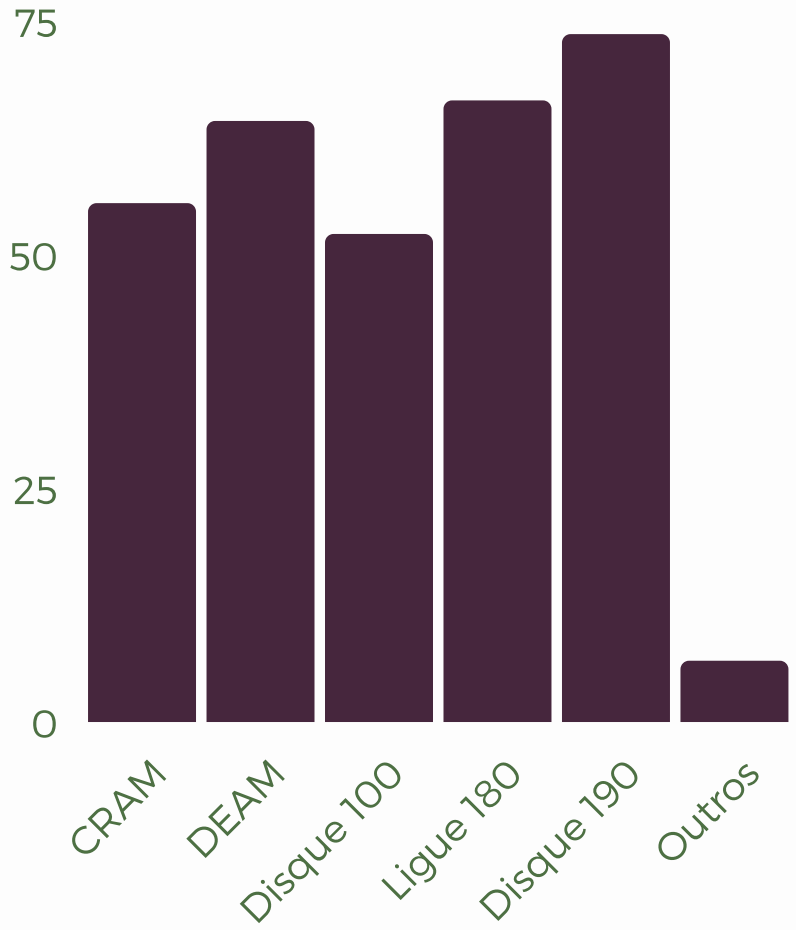
O objetivo dessa pergunta era informar às mulheres que haviam respondido que todas as situações elencadas no questionário eram um tipo de violência.



VOCÊ SABE ONDE BUSCAR AJUDA EM CASO DE VIOLÊNCIA?

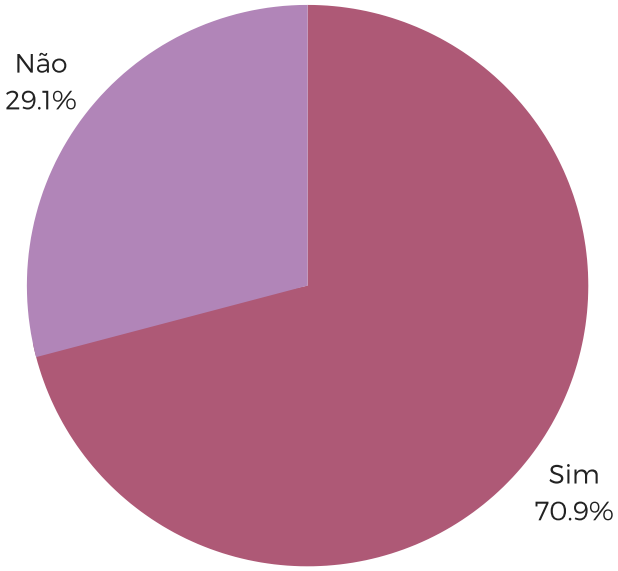
Verificamos que a maioria das respondentes apontou como local para denunciar uma situação de violência o Disque 190, com 73,6%. Em seguida, Ligue 180, com 66,5%, Deam, Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher, com 64,3%, Centro de Referência de Atendimento a Mulher, com 55,5%, Disque 100, com 52,2%.

Nessa pergunta, havia a possibilidade de assinalar a resposta *outros* e colocar opções de locais para buscar ajuda, 6,5% das mulheres assinalaram essa alternativa; citaram: Ministério Público, coletivos de mulheres, amigos e familiares, apoio das amigas, redes de apoio, delegacias de pessoas com deficiência, base de apoio. Houve um pedido para um aplicativo voltado para mulheres surdas para que pudessem buscar ajuda de forma mais eficaz.

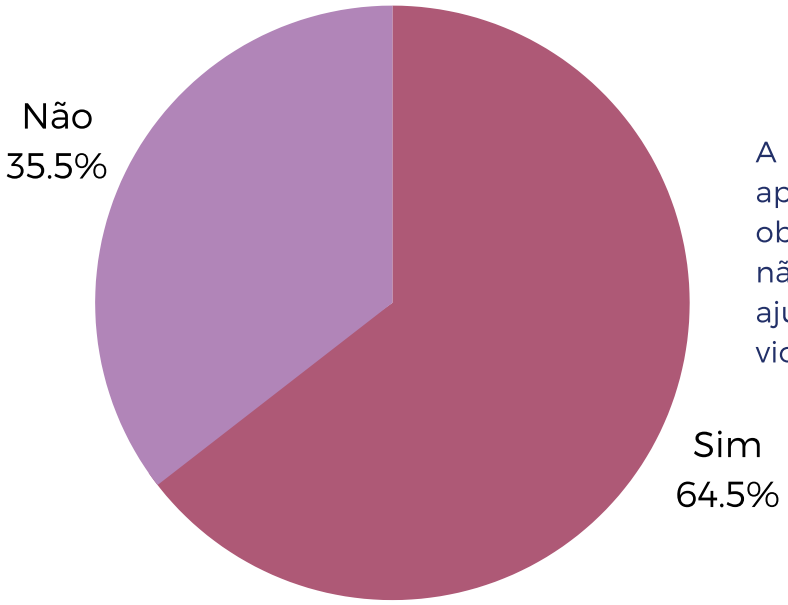


VOCÊ JÁ PRECISOU BUSCAR AJUDA POR CAUSA DE VIOLÊNCIA DENTRO DE CASA?

A maioria das mulheres, 70,9%, afirmou já ter precisado buscar ajuda por conta da violência. Mais uma vez, essa resposta entra em conflito com a primeira, sobre se já haviam sofrido violência intrafamiliar. Apenas 29,1% afirmaram não ter precisado buscar ajuda.



CASO JÁ TENHA PRECISADO, TEVE ALGUMA DIFICULDADE AO TENTAR OBTER ESSA AJUDA?



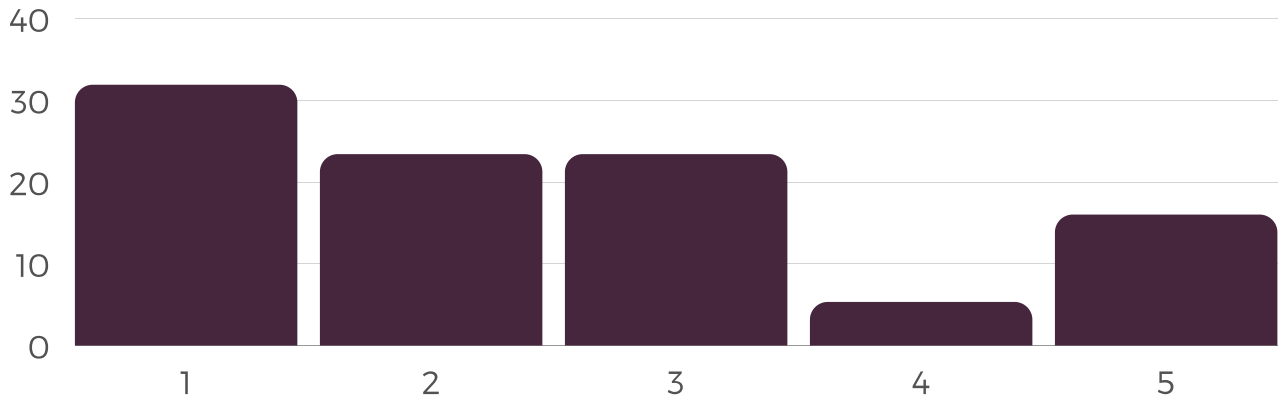
A maioria das respondentes, 64,5%, apontou já ter tido dificuldades para obter ajuda. Apenas 35,5% afirmaram não ter tido dificuldade para obter ajuda diante de situações de violência.

SE MARCOU SIM NA PERGUNTA ANTERIOR, RESPONDA QUAL (QUAIS) FOI (FORAM) A(S) DIFICULDADE(S).

- A polícia não apareceu.
- **Medo**.
- Há ainda uma abordagem **capacitista** por parte de profissionais das áreas da Saúde, segurança e justiça. Concepções **estereotipadas** acabam expondo às violências institucionais.
- O **despreparo** na acolhida na delegacia da mulher, atendimento no balcão, primeira escuta pela recepção, todas as demais **expostas** no aguardo do atendimento.
- Os policiais e o procurador público falaram que **não adianta fazer pedido de distanciamento**, porque o homem poderia me atropelar e eles só chegarem depois. E a delegada disse que o pai da minha filha **tem o direito de "sumir com ela"** e que isso não é crime.
- Não soube **como acionar** o serviço.
- Impossibilidade de fazer a denúncia por ser menor de idade. Eu precisava ir com meu responsável legal, porém **esta pessoa era conivente com as violências que eu sofria**.
- **Dificuldade em poder falar e explicar** o que estava acontecendo.
- Como **pessoa surda, não teria como ligar para 180 muito menos ir a delegacias que não possuem intérprete de Libras**.
- Na segunda queda no banheiro, estava sozinha no apartamento no 7° andar e caí entre o vaso, porta do box e parede em cima do meu pé esquerdo. Gritei por socorro durante muito tempo. Meu tom de voz é infantil. Enfim uma moça ouviu e chamou o zelador. A **cuidadora me falou que sou muito pesada para me ajudar a ficar de pé ou não me atende quando quero andar com meu andador**. Além disso, come tudo na geladeira e quando quero, ela diz que acabou.
- Pedi ajuda a um familiar, por medo, fui **julgada** e **humilhada**.
- **Minha família não me apoia**.
- **Obter ajuda da família** para fugir dos agressores.
- Vergonha. Acolhimento na delegacia realizado por pessoas **despreparadas**.
- **Não tive apoio da família**.
- **Não acreditaram em mim**, sempre fui desmentida.

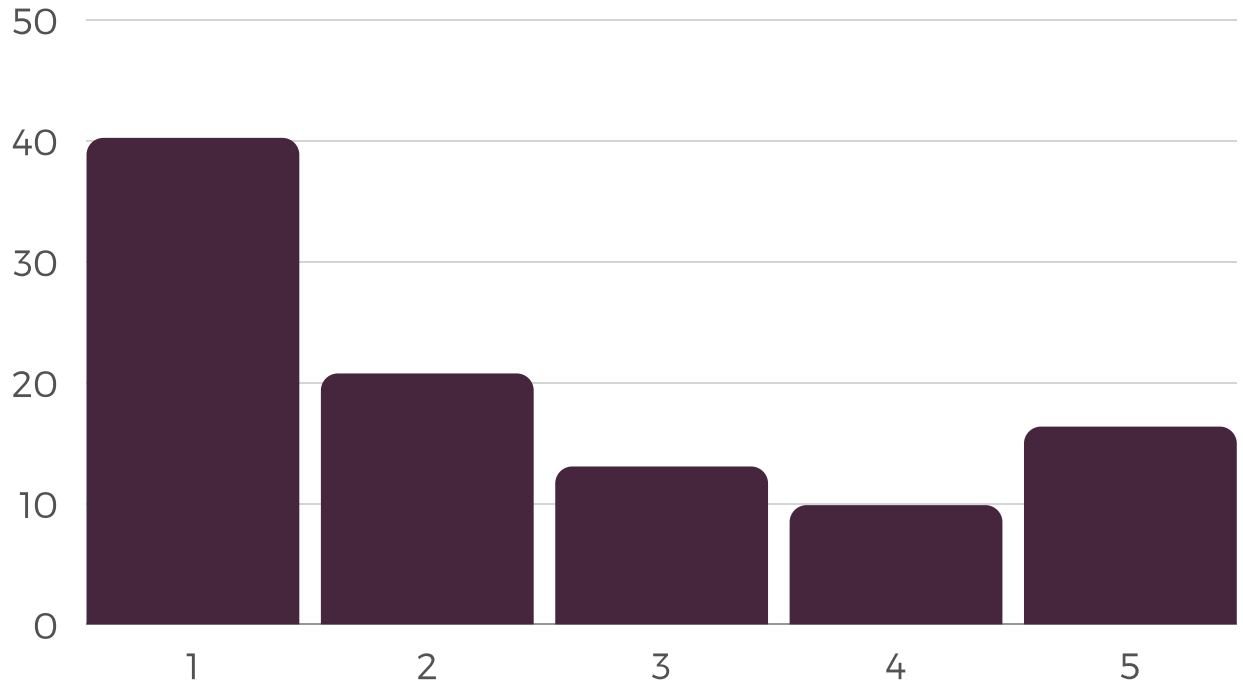
COMO VOCÊ CLASSIFICA O LOCAL DE ATENDIMENTO DE ACORDO COM O GRAU DE ACESSIBILIDADE?

O grau de acessibilidade do local de atendimento pôde ser avaliado com notas de 1 a 5, sendo 1, inadequado, 5, mais adequado. A maioria avaliou que os locais são inadequados, inacessíveis a mulheres com deficiência, com 31,9% avaliando com 1, 23,4%, com 2, 23,4%, com 3, 5,3%. A menor parte avaliou que iria de bom a adequado, com 5,3% para 4, 16%, para 5.



COMO VOCÊ AVALIA O PREPARO DOS PROFISSIONAIS QUE FIZERAM O ATENDIMENTO?

Também nessa resposta, no que se refere ao preparo dos profissionais, a avaliação foi muito negativa. A maioria aponta grande despreparo, com 40,2%, com 2, 20,7%, com 3, 13%, com 4, 9,8%, com 5, 16,3%. As justificativas para essa baixa pontuação foram dadas na pergunta aberta sobre as dificuldades para acessar a rede de atendimento: falta de intérprete de libras, capacitismo, concepções estereotipadas.



O QUE FALTA NA POLÍTICA DE PROTEÇÃO ÀS MULHERES COM DEFICIÊNCIA

No final do questionário, fornecemos um espaço para que as mulheres falassem livremente sobre as principais questões referentes à proteção e ao enfrentamento à violência doméstica e intrafamiliar.

Recebemos 85 respostas que trouxeram como elementos os destaques desta página.

INCLUSÃO
REPRESENTATIVIDADE
ACESSIBILIDADE

ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA E COMUNICACIONAL
CAMPANHAS DE DIVULGAÇÃO EM LIBRAS

"Os espaços de proteção às mulheres carecem de conhecer e saber lidar com as deficiências em sua diversidade. Encontramos barreiras físicas, atitudinais e comunicacionais. Há crenças arraigadas em modelos caritativos, apego ao modelo biomédico e tendência a abordar as realidades das mulheres com deficiência sem levar em consideração elementos psicossociais e culturais, por exemplo. Em suma, nossas vozes dificilmente recebem uma escuta ética, uma recepção que nos permita acessar efetivamente os nossos direitos e dignidade."

"Enxergar essas mulheres como mulheres. Já passei por situações fora de casa e ninguém acreditou porque não entendem que uma mulher com deficiência pode ser sexualmente assediada porque ela não é vista como mulher."

ACOLHIMENTO SEGURO E DIGNO

EMPATIA